

Resenha



SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. cap. I a IV., 9º ed. Record, 2006.

Hyngrid Athe Conceição Silva
UEPA
Brasil
hyngridathe2402@gmail.com

Resenha

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. cap. I a IV., 9º ed. Record, 2006.

Milton Santos, foi o maior geógrafo brasileiro, com destaque mundial por seus trabalhos com perspectivas marxistas. Elaborando uma nova abordagem na geografia, denominando-a de crítica. Faleceu no ano de 2001, todavia, suas contribuições para a geografia servem como palco de análise e discussões para vários autores.

Maria Laura Silveira, Bacharel e Licenciada em Geografia - Universidad Nacional del Comahue (Argentina); Doutora em Ciências: Geografia Humana -Universidade de São Paulo; Foi Professora Assistente - Universidad Nacional del Comahue; Professora Doutora RDIDP - Universidade de São Paulo e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

O presente trabalho visa relatar sobre o livro de Milton Santos e Maria Laura Silveira, onde o objetivo desta obra é analisar o território brasileiro através de um olhar globalizado, correlacionando as técnicas que permitiu a configuração desse território.

O primeiro capítulo vem deixar claro o uso e apropriação do território, bem como, a diferença entre espaço geográfico e território. Por território entende-se, geralmente, à extensão apropriada e usada. No entanto, o sentido de *territorialidade* teria o sinônimo de *pertencimento*. Assim, essa ideia de territorialidade se estende aos próprios animais, como sinônimo de área de vivência e de reprodução. Mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, entre os seres vivos é privilégio do homem.

Num sentido mais restrito, o território é um nome político para o espaço de um país. Em outras palavras, a existência de um país pressupõe um território. Mas a existência de uma nação nem sempre é acompanhada da posse de um território, podendo supor a existência de um Estado. Pode-se falar, por tanto, de territorialidade sem Estado, mas é praticamente impossível nos referirmos a um Estado sem território. Essa categoria, território usado, aponta para a necessidade de um esforço destinado a analisar sistematicamente a constituição do território. Como se trata de uma proposta totalmente empirizável, segue-se daí o enriquecimento da teoria. Entretanto uma periodização é necessária, pois os usos são diferentes nos diversos momentos históricos.

O capítulo seguinte deixa claro a necessidade de analisar o território brasileiro em períodos, todavia podem ocorrer riscos nessa periodização pois o território é

Resenha

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. cap. I a IV., 9º ed. Record, 2006.

diversificado. Além do mesmo possuir variedades espaciais, defasagens e superposições que podem dificultar essa análise em períodos. Cada periodização se caracteriza por extensões diversas de formas de uso, marcadas por manifestações particulares interligadas que evoluem juntas e obedecem a princípios gerais, como a história particular e a história global, o comportamento do Estado e da nação e, certamente, as feições regionais. Na medida em que são representativas das épocas históricas, as técnicas, funcionando solidariamente em sistemas, apresentam-se assim como base para uma proposta de método. Esses sistemas técnicos incluem, de um lado, a materialidade e, de outro, seus modos de organização e regulação. Eles autorizam, a cada momento histórico, uma forma e uma distribuição do trabalho.

Na obra, compreende-se a produção do espaço brasileiro através dos meios “naturais”, técnicos e técnico-científico-informacional. O meio “natural” é marcado pela interferência direta da natureza, tempo lento regido por ela, homem como influenciador direto nas formas de produção, marcado por um tempo hegemônico. Meio técnico é caracterizado pela entrada dos sistemas técnicos na produção, surgimento de uma nova forma territorial do trabalho - a divisão territorial do trabalho envolve, de um lado, a repartição do trabalho vivo nos lugares e, de outro, uma distribuição do trabalho morto e dos recursos naturais. Onde na divisão do trabalho ocorre a hierarquização dos lugares e redefinição dos mesmos, a cada momento ocorre a redefinição da capacidade de agir das pessoas, das firmas e das instituições.

O meio técnico-científico-informacional, é compreendido como o meio da revolução nas telecomunicações e agravamento das distinções das regiões - Nesse perspectiva, levamos em conta tanto as técnicas que se tornaram parte do território, com sua incorporação ao solo (rodovias, ferrovias, hidrelétricas, telecomunicações, emissoras de rádio e TV etc.), como os objetos técnicos ligados a produção (veículos, implementos) e os insumos técnico-científica-cos (sementes, adubos, propaganda, consultoria) destinados a aumentar a eficácia, a divisão e a especialização do trabalho nos lugares.

E nesse sentido que um território condiciona a localização dos atores, pois as ações que operam sobre ele dependem da sua própria constituição. Uma

Resenha

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. cap. I a IV., 9º ed. Record, 2006.

preocupação com o entendimento das diferenciações regionais e com o novo dinamismo das suas relações tem norteado particularmente a busca de uma interpretação geográfica da sociedade brasileira.

Georges Friedmann (1966, 1997, pp. 7-8) utiliza o termo “máquinas de produção e máquinas de circulação”, para dar ênfase ao processo da circulação e mecanização no território brasileiro, unidas aos portos litorâneos, por estradas e ferrovias. Entretanto, com todo esse crescimento industrial podemos observar que o mesmo não se deu simultaneamente em todo o território. Com a construção de usinas hidroelétricas, a eletricidade teve um importante papel para tal processo de industrialização e, diga-se também, no processo de urbanização das grandes cidades. A partir da década de 1930, São Paulo ganha status de região concentrada, pois tornou-se uma grande metrópole industrial, onde estavam presentes todos os tipos de fabricação. O elemento base para tal status foi a extinção das barreiras à circulação de mercadorias entre os Estados, o que foi fundamental para uma integração econômica do território brasileiro, gerando assim uma integração nacional a partir de 1945 e 1950, um período com grande investimento de forma acelerada em São Paulo. Com a modernização do país sobre o regime de Getúlio Vargas, ocorreu uma rápida expansão industrial que passou a exigir mais mercados, não apenas fora, mas dentro do país. Com o desenvolvimento territorial houve uma migração maciça para os grandes centros econômicos, em particular São Paulo- Região Concentrada.

O terceiro capítulo da obra, os autores abordam a descentralização industrial e a modernização da agricultura a partir da década de 70 por meio da periodização dos acontecimentos. A renovação da materialidade do território brasileiro, provocada pelo meio técnico-científico informacional, o tornou mecanizado e urbanizado, ocorrendo de forma seletiva, privilegiando determinadas regiões. A partir da década de 1970, os sistemas de engenharia e a revolução tecnológica contribuíram para integrar o território nacional e garantir a fluidez da mobilidade de bens e mercadorias. Na década de 1980, as metrópoles principais litorâneas do país, e sobretudo a Região Concentrada, dispunham de bases materiais que lhes possibilitavam uma rápida e eficiente comunicação entre elas e também para o exterior. Detectam-se hoje pontos de concentração de tecnologias de ponta nessa configuração territorial.

Resenha

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. cap. I a IV., 9º ed. Record, 2006.

Segundo os autores dentre as vicissitudes históricas das relações entre o Estado e o mercado, na "invenção" das sementes destaca-se em, certos casos, uma separação territorial entre as pesquisas científicas de origem pública e a produção das empresas. À exemplo podemos citar que, enquanto as maiores produções de sementes melhoradas de algodão se desenvolvem em São Paulo, Paraná e Goiás, a Embrapa localiza o seu centro especializado em Campina Grande.

No quarto capítulo os autores levam ao leitor, argumentos que vem para aprofundar o papel da informação e do conhecimento frente a reorganização produtiva do território e suas especializações. Dentro desse contexto os literatos levantam discussões pertinentes referentes ao uso das novas tecnologias inseridas ao meio geográfico e como essas ferramentas hoje tem papel importante dentro do campo de estudo, revelando a sua importância em relação aos meios de produção técnicos obtidos através da correlação terra e espaço tempo.

Mostrando que todo o ambiente tecnológico que vai se construindo em torno do território por meio dos sistemas geram novos domínios, tendo como exemplo o sistema de vigilância da Amazônia legal (Sivam), que monitora todo o espaço amazônico com objetivo de assegurar que a área em questão está sendo realmente protegida. Exemplo como este mostra como a ciência da geografia evolui e precisa de suporte tecnológico ao seu favor para se desenvolver. Em outro ponto do texto, é discorrido sobre a precisão de radares meteorológicos que permitem uma leitura cada vez mais precisa e poderosa, permitindo previsões cada vez mais rápidas e eficientes. Com essas informações é possível chegar a um cálculo que pode determinar a capacidade das precipitações e sua intensidade.

Porém nem todos desfrutam de tal meio, no Brasil é evidente a desigualdade sobre esses aspectos e sobre esse ponto de vista se cria uma nova geografia tendo importantes características na nova era da tecnosfera formada na atualidade. Em regiões como sudeste e sul são tidas com as áreas nobres do país, por obterem maior parte desse bolo da tecnosfera, é nessas regiões que ocorre a cientificação em comparação a outras regiões. O meio técnico/científico/ informacional não é igual para todos no território em questão, em regiões como Centro oeste, Nordeste, Norte os recursos são escassos, como se não pertencessem a esse ambiente.

Resenha

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. cap. I a IV., 9º ed. Record, 2006.

O livro é um presente aos leitores que pretendem cultivar uma consciência crítica que respire, ao mesmo tempo, muita esperança. De cada página, seus autores fazem emergir liberdade científica, ética e acadêmica com amor (amor e não patriotismo doente) pelo Brasil e compromisso com as gerações presentes e futuras que continuarão usando e construindo o território brasileiro. Com certeza, chegaram ao que pretendiam: propor uma teoria do Brasil a partir do território, uma tentativa de explicação da sociedade tomando como pano de fundo o próprio espaço geográfico. Há uma profusão de conceitos nucleadores e de ideias-chaves espalhadas pelas quase 500 páginas do livro. Deixando ao leitor o privilégio de saciar sua curiosidade intelectual e de reinterpretar, de acordo com seu olhar, a beleza e a grandeza do pensamento de Milton Santos e de Maria Laura Silveira.